

OS PRAÇAS DO CORPO DE BOMBEIROS: MASTURBAÇÃO E SEUS SIGNIFICADOS NO COTIDIANO DA FORMAÇÃO DE PEDRO NAVA

Arthur Marinho Silva Vargas¹

Resumo

Este trabalho procura analisar os discursos normativos existentes sobre a masturbação e os significados atribuídos à prática a partir das *Memórias* do médico e escritor Pedro Nava, em especial os livros *Balão Cativo* (1973) e *Chão de Ferro* (1976), que compreendem a etapa de formação do narrador, ou seja, parte de sua infância e adolescência. A masturbação possui uma história que tem no século XVIII um ponto de inflexão, quando atribui-se a ela qualidades patológicas e uma vinculação com a quebra de princípios éticos valorizados na sociedade moderna. Os discursos normativos que surgiram a partir de então tiveram repercussão no Brasil, fazendo parte do cotidiano disciplinar das instituições escolares pelas quais Pedro Nava passou como aluno interno. Contudo, apesar de ser considerada um interdito, a masturbação era parte importante da vivência dos alunos desses estabelecimentos, constituindo um dos meios de socialização masculina e da formação do indivíduo enquanto Sujeito de prazer.

Palavras-chave: masturbação; história da sexualidade; Pedro Nava.

The fire brigade's soldiers: masturbation and its meanings in the daily life of Pedro Nava's education

Abstract

This work seeks to analyze the existing normative discourses on masturbation and the meanings attributed to the practice from the Memoirs of the physician and writer Pedro Nava, especially the books *Balão Cativo* (1973) and *Chão de Ferro* (1976), which comprise the stage of formation of the narrator, that is, part of his childhood and adolescence. Masturbation has a history that has an inflection point in the 18th century, when pathological qualities are attributed to it and a link with the breach of ethical principles valued in modern society. The normative discourses that emerged from then on had repercussions in Brazil, being part of the disciplinary routine of the school institutions through which Pedro Nava passed as an intern student. However, despite being considered an interdict, masturbation was an important part of the experience of students in these establishments, constituting one of the means of male socialization and the formation of the individual as a Subject of pleasure.

Keywords: masturbartion; history of sexuality; Pedro Nava.

¹ Graduado em História (bacharelado) pela Universidade Federal de São João del-Rei (2019). Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2022).

Los soldados de los bomberos: la masturbación y sus significados en el cotidiano de la educación de Pedro Nava

Resumen

Este trabajo busca analizar los discursos normativos existentes sobre la masturbación y los significados atribuidos a la práctica desde las Memorias del médico e escritor Pedro Nava, en especial los libros *Balão Cativo* (1973) y *Chão de Ferro* (1976), que comprenden la etapa de formación del narrador, es decir, parte de su infancia y adolescencia. La masturbación tiene una historia que tiene un punto de inflexión en el siglo XVIII, cuando se le atribuyen cualidades patológicas y un vínculo con el incumplimiento de principios éticos valorados en la sociedad moderna. Los discursos normativos que surgieron a partir de entonces repercutieron en Brasil, formando parte del cotidiano disciplinario de las instituciones escolares por las que pasó Pedro Nava como alumno interno. Sin embargo, a pesar de ser considerada una prohibición, la masturbación fue parte importante de la experiencia de los estudiantes en estos establecimientos, constituyendo uno de los medios de socialización masculina y de formación del individuo como Sujeto de placer.

Palabras clave: masturbación; historia de la sexualidad; Pedro Nava.

Introdução

Este trabalho procura analisar os discursos normativos (médicos, pedagógicos) sobre a masturbação e os significados da prática na vivência da infância e da adolescência do médico, escritor e memorialista mineiro Pedro da Silva Nava (1903–1984), situada na década de 1910. A partir do exame de suas *Memórias*, particularmente dos livros *Balão Cativo* (1973) e *Chão de Ferro* (1976), e de outras fontes, como reminiscências de colegas de Nava e trabalhos literários, busco articular os discursos normativos vigentes e os saberes difundidos sobre a masturbação nos ambientes dos internatos pelos quais passou, aqui entendidos enquanto representações (CHARTIER, 1990), e os diversos significados que o ato assumia para os jovens do período, particularmente aqueles socializados num ambiente escolar masculino, compreendendo, assim, um certo tipo de experiência² dessa prática sexual. A masturbação possui uma história que ganha contornos específicos nos séculos XVIII e XIX, patologizada e eticamente condenada, influenciando, inclusive, no tratamento dispensado à criança e ao adolescente dentro e fora das escolas do Brasil, como nos colégios Anglo-Mineiro, em Belo Horizonte, e Pedro II, no Rio de Janeiro, frequentados por Pedro Nava entre 1914 e 1920. E apesar da proscrição e da vigilância contra o onanismo, ele era parte da rotina desses sujeitos, que criavam diversas estratégias para continuar masturbando-se e produziam ainda significados específicos para o ato, de acordo com um processo maior de socialização masculina no ambiente dessas instituições.

As fontes primárias desta pesquisa, *Balão Cativo* e *Chão de Ferro*, foram escolhidas por compreenderem o período do final da infância e adolescência de Pedro Nava, nos anos 1910 e 1920. Os outros livros que tomarei como fontes, *A Alma do Tempo* (1961), de Afonso Arinos de Melo e Franco, e *O Ateneu* (1888), de Raul Pompeia³, terão também este tratamento, ainda que sem o mesmo protagonismo, um por ser o volume das memórias do político udenista que corresponde ao seu período de juventude – formação que tem seus paralelos com a de Nava, ambos internos do Anglo-Mineiro e do Pedro II –; outro por retratar parte do cotidiano de um colégio carioca a partir da experiência do personagem/narrador Sérgio, situado em meados do século XIX e que não deixava de ter correspondências com a vivência de Nava na instituição, como o próprio não deixava de ressaltar; relato então marcado por

¹ Experiência deve ser entendida aqui como “a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 2020a, p. 8).

² Os livros serão citados aqui por meio de siglas: *Balão Cativo* (BC); *Chão de Ferro* (CF); *A Alma do Tempo* (AT); *O Ateneu* (OA). As informações sobre as edições utilizadas podem ser consultadas ao final do texto, nas referências bibliográficas.

“contaminações” resultantes de recursos a outros textos e fontes (CARNEIRO, 2004, p. 353) Para Rui Carneiro, tanto a narrativa de Pompeia, quanto a de Nava “funcionam como um retrato universal e atemporal do ambiente dos internatos” (IDEM, p. 352–353). A análise dessas fontes assumirá um caráter qualitativo: os textos serão trabalhados pela confrontação com a bibliografia sobre o tema da história da problemática da masturbação, com as precauções necessárias que requerem a matéria, por trataram-se de obras literárias e memorialísticas.

É preciso, em primeiro lugar, falar do trabalho de Pedro Nava e dos cuidados necessários ao tipo de discurso que lhe caracteriza, o memorialístico. Nava sabia que “recordar é sobrepor ao passado ao presente, com sua acumulação de outros tempos passados, ou seja, da experiência”. Assim, há na obra do autor, como nas memórias em geral, dois tempos: o presente em que se narra e o passado que é narrado (AGUIAR, 1998, p. 21, 25). Ainda que o tema seja sua própria infância e adolescência, é o Nava da maturidade quem fala, a partir das experiências acumuladas ao longo de sua vida. O que permite-lhe tomar as ações e discursos seus e dos outros com certo distanciamento, o que não nos exime de alguns cuidados. Uma obra memorialística é carregada de subjetividade, porque faz referência não diretamente aos fatos, mas às impressões do narrador sobre eles; constrói o texto a partir de uma perspectiva pessoal e ficcional. De qualquer modo, o discurso memorialístico guarda íntima relação com a História, numa interligação, com entrecruzamentos e recuos, entre esta, a memória e a narrativa (SILVA, 2016, p. 2). Fonte rica, mesmo que permeada de subjetividade, possibilita-nos entrar naquele mundo não só vivenciado pelo autor, mas também o que ele sentiu (ou que julgava sentir, a partir de experiências posteriores). Nos rastros de uma vida e de seu tempo, o que o historiador deve fazer, pelo cuidado próprio da tarefa, é a busca pela verossimilhança, pelo possível, pelo provável (BORGES, 2006, p. 217).

A formação de Pedro Nava como sujeito de prazer

Nascido em 1903, a infância e a adolescência de Pedro Nava dividiram-se entre Juiz de Fora, sua cidade natal, o Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Com a morte do pai em 1911, a mãe de Nava vê-se obrigada a voltar do Rio para Juiz de Fora a fim de residir com a família. Mais tarde, o avô muda-se com a filha e os seis netos para Belo Horizonte, onde viveria até o final da década de 1920. Apesar de experiências escolares anteriores, é lá que em 1914 Pedro Nava começa sua trajetória no universo dos internatos,

ingressando no Anglo-Mineiro, instituição de moldes ingleses e justamente comandada por britânicos. Adentrar no internato, experiência que depois seria expandida em 1916 com sua chegada no Colégio Pedro II, no Rio, consistia numa mudança considerável na vida do menino Pedro, determinante para sua própria formação, seja nas relações interpessoais, seja no âmbito cultural (AGUIAR, p. 78, 87).

Esses espaços, além disso, contribuíram em muito na sua educação sexual, seja por conta das conversas entre os colegas, seja entre certas atitudes de professores, como o obsceno Monsiuer Vuielle, que lhe mostrou a existência das “dadeiras profissionais” (BC, p.392), seja pela descoberta do próprio corpo e do corpo dos outros. Nava, tecendo suas opiniões sobre o ensino de Educação Sexual nas escolas no tempo de redação de suas *Memórias*, pautando-se na sua longa vida de médico e na sua sabedoria de homem vivido, considerava que “uns não sabem nada, mas ao contrário da ideia de muitos pais e muitas professoras, a maioria [das crianças] sabe e os instrutores estão ensinando padre-nosso ao vigário” (IDEM, p. 390). É provável que suas reflexões reproduzissem igualmente sua própria experiência, na medida em que ele, como todos os humanos, também fora um menino e também conheceu o desenvolvimento de seu corpo, o que lhe deu, afinal, os rudimentos dessa descoberta enquanto sujeito sexual: “E geralmente essas crianças sabem, primeiro, porque desconfiaram, olhando a evolução do próprio corpo ou do das irmãs ou dos irmãos” (IBIDEM, p. 390).

Esse conhecimento será completo, na trajetória do memorialista, pelo contato com outras crianças e adolescentes no ambiente escolar. Comparando a evolução do seu conhecimento sobre a sexualidade de si e do Outro com a carreira acadêmica, Nava explica que a família, materna ou paterna, sempre fora muito recatada, “nascido e criado num meio de palavra extremamente policiada”. Meio ignorante de quase tudo, suas idas aos dicionários e manuais de anatomia com um primo, possibilitaram-no entrar num “amadorismo intermediário”, sendo promovido no Anglo “à high-school, ao segundo grau de safadeza. Tudo se arranjou. Compreendi a serpente, a maçã, tomados como serpente e maçã mesmo ou na sua futura simbologia freudiana”. Maior impacto teve o Pedro II, lugar em que tornou-se interno com “treze anos incompletos”. Com apenas quinze dias, teria conquistado “o diploma do terceiro grau de minha educação pornográfica. Mestrado. Doutorado”. Foi com os colegas que aprendeu “todo o rico, prodigioso, sortido e incomparável palavreado chulo da nossa língua (e eu vi que o palavrão era bom). Soube tudo do ato, das

posições e suas variantes, dos órgãos genitais e seus vigários [...]”. Instrução que era dada pela pilhéria, pela chalaça, pela anedota (IBIDEM, p. 392–393).

E foi também no ambiente do Internato, no Anglo, que Nava descobriu-se como Sujeito de Prazer: para decepção do Jones, responsável pelos alunos menores, entre os quais estava Pedro, o diretor Sadler encontrara gotas de esperma nas latrinas dos meninos, quebrando assim a aura de inocência que separavam-nos dos “those pigs of Mr. Cuthbert’s side”, os adolescentes. Eram “dirty masturbators”, para todos os efeitos. (IBIDEM, p. 232). A constituição do Sujeito de Prazer, “através de seu corpo e de sua sexualidade, elementos naturais orientados por toda civilização”, dá-se na relação com o Outro e este é definido a partir do momento em que o Sujeito passa a enxergar-se como Sujeito de Prazer (MUCHEMBLED, 2006, p. 13). Historicizar as atitudes, as práticas e os discursos construídos em torno do corpo e do prazer é algo determinante para a experiência da sexualidade. A masturbação entra nesse projeto de historicização, não só pelo lado da sexualidade, mas, por ser prática fisiológica, também a partir de uma “história do corpo”, porque o corpo é “ponto–fronteira”, cruzamento do “invólucro individualizado com a experiência social, da referência subjetiva com a norma coletiva” (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2008, p. 11). Porque dotada de significados, discursos, atitudes, subjetividades e problemáticas próprias, também é condicionada, ou melhor, está em relação com valores normativos de determinada época, com suas coerções disciplinares, com suportes de todo tipo – textuais, imagéticos –, imprimindo ao Sujeito uma certa relação com seu próprio corpo, com a excitação e o gozo almejado, anunciando as possibilidades da fantasia e da imaginação.

A problemática da masturbação e a patologização do masturbador

Em certo momento da narrativa de *Chão de Ferro*, Pedro Nava fala dos diversos adjetivos com os quais Floriano Correia de Brito, professor do Internato do Pedro II, distinguia os praticantes de certo “crime sem perdão e vício danoso” – “gratificação sexual fisiológica e normal” –, o qual “atribuía a todos seus alunos e, muitas vezes, com carradas de razão”:

Seus onanistas! seus quiromaníacos! seus manualizadores, mastupradores! masturbadores! Seus porcalhões solitários! Seus fazedores de sacana, bronhistas, punheteiros! Seus *corpo-de-*

bombeiros, seus tocadores de flautim-de-capot! Miserables, tas de cochons, cancre! Pauvre Collège de Pierre Deux! (CF, p. 29).

As caras dos pupilos, uns cínicos, sequer avermelhavam-se, apesar do nojo gravado no rosto de Floriano. Aprendiam, nessas pregações enfurecidas, toda uma “fabulosa sinonímia” do ato, que, na argumentação do professor, causaria morte próxima e horrível, doença, sofrimento e muitos zeros em comportamento e aplicação, passíveis de supressão de saídas aos sábados para casa, medida que tinha o exato efeito contrário, entregando todo mundo à “libertinagem solitária...” (IDEM, p. 29). A passagem alude para a consequência fisiológica essencial da masturbação, conforme o pensamento médico dos séculos XVIII, XIX e mesmo das primeiras décadas do XX: vício solitário, passível de nojo e repulsa, seria o responsável por efeitos na carne e no psicológico do onanista, fazendo definhar corpo e mente num processo crescente de decadência e sofrimento antes da chegada inevitável da morte.

Mas na vida escolar de Pedro Nava, o mestre Floriano e o Pedro II não foram os únicos a levantarem-se contra a prática julgada disseminada entre crianças e adolescentes. Em Belo Horizonte, no Anglo-Mineiro, Nava, enquanto parte do grupo dos “menores”, dos “infantes”, ainda desconhecia o ato, seus desdobramentos fisiológicos e consequências para o organismo: era com curiosidade que os meninos perguntavam-se que ovos eram esses que apareciam nas latrinas do colégio, esses “eggs in the water-closets” que escandalizavam ao inglês Cuthbert, provocando o riso dos “maiores”, conhecedores da origem da substância, “os ovos e sua viscosa clara” (BC, p. 167). Nas “whole communion”, espécie de reprimenda não direcionada e coletiva às faltas dos alunos feita antes das aulas, o mesmo Mr. Cuthbert expressava seu nojo pelo produto da prática ainda colado nos water-closets, motivo de vergonha para os adolescentes onanistas, tanto mais perigosa por suas consequências no corpo desses jovens: “Do you think that you can play your foot-ball as well as before giving into those solitary incontineneces? No!”, indagava e ele mesmo respondia diante do achado de mais “eggs” nas latrinas (IDEM, p. 169-170). Aqui, além do aspecto patológico, transparece mais uma vez o caráter solitário da prática. Sendo ato incontinente, tomaria o caráter de vício pela progressiva imoderação, crescendo em sintonia com a debilitação do organismo do praticante. Como todos os maiores eram suspeitos e como as pregações de uma “whole communion” nunca eram individualmente dirigidas, uma precaução, um cuidado nos termos utilizados (a substituição de outros, técnicos ou escatológicos, pelo o eufemístico “egg”), fazia-se necessário para

não suscitar ideias nos menores, ensiná-los os caminhos do onanismo. Vício, portanto. Doença debilitante a que somente uma vigilância estrita e uma vergonha bem introjetada na mente dos masturbadores poderiam conter. Mas o que haveria de tão grave na masturbação, essa coisa tão cotidiana dos internos do Anglo-Mineiro e do Pedro II, para que demandasse tamanho nível de preocupação dos adultos?

Afora antigas preocupações de caráter religioso, inscrita na ideia de pecado da carne, a masturbação passou a figurar como um problema intrinsecamente relacionado à sexualidade da criança e do adolescente a partir do século XVIII. O sexo foi colocado numa posição de centralidade na gestão dessa nova categoria que o Setecentos nos legou, a “população”. A questão do sexo, enquanto problema político e econômico, teria relação com os destinos do Estado e da Sociedade. (FOUCAULT, 2020b, p. 28-30). Conforme Michel Foucault, “a partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas” (IDEM, p. 33). A sexualidade das crianças e dos adolescentes insere-se, por conseguinte, nesse campo de disputas e a masturbação emerge como uma problemática da gestão do corpo e do sexo dos jovens. E surge aqui como uma sexualidade desviante. Ao elaborarem-se discursos sobre outras sexualidades, não-heterossexuais e não-monogâmicas, as sexualidades periféricas; ao fazer-se uma diferenciação de tudo aquilo que era antes interdito e colocado no mesmo bojo da proibição jurídica, promove-se uma autonomia, “a extração de uma dimensão específica da ‘contra a natureza’ no campo da sexualidade”; produz-se toda uma pluralidade de prazeres, de modo que possam ser melhores categorizados, classificados e, portanto, controlados e vigiados. Novas figuras, novas perversões (IBIDEM, p. 42-54).

Foucault argumenta que a partir do século XVIII e ao longo do XIX “quatro figuras se esboçam como objetos privilegiados de saber, alvos e pontos de fixação dos empreendimentos do saber: a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano, o adulto perverso”, sendo que essas personagens estão no centro da formação de “dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo”, particularmente daquilo que chama de “dispositivo da sexualidade”, que teria como “sua razão de ser não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global”. Ao tratar da “pedagogização do sexo da criança”, da qual a campanha antimasturbatória seria a sua expressão mais espetacular, Foucault assevera que existiria uma

“dupla afirmação” de que as crianças possuem ou engajam-se em atividades sexuais, ao mesmo tempo naturais, porque amplamente disseminadas, e não-naturais, contra a natureza, já que traria “perigos físicos e morais, coletivos e individuais” (IBIDEM, p. 113-16). A cruzada antimasturbatória, de que nos fala Foucault, estaria no centro, até mesmo como vetor, da constituição de um novo arranjo familiar, no qual as figuras intermediárias, aquelas reputadas como tendo sido as responsáveis por introduzir a criança no vício, devem desaparecer para dar lugar à família nuclear burguesa, a “família-célula” (2010, p. 215-217). E porque tamanha preocupação com o autoerotismo infantil e adolescente? De acordo com o estudioso francês, haveria uma inquietação com o corpo da criança pelo seu potencial político e econômico; seria preciso que os pais mantivessem-na viva e saudável, que ela crescesse disciplinada e normatizada pelo Estado, de maneira que ela fosse um elemento útil, pelas suas potencialidades mantidas e desenvolvidas, para a sociedade – investimento biopolítico sobre esse corpo (IDEM, p. 221-224). Desse modo, “o fim era constituir, através da sexualidade infantil, tornada subitamente importante e misteriosa, uma rede de poder sobre a infância” (FOUCAULT, 2019, p. 348).

Thomas W. Laqueur, apesar de concordar com Foucault quanto a existência de tecnologias biopolíticas, de novas maneiras, mais insidiosas, de controle dos corpos dos indivíduos, é um tanto cético quanto à afirmação do francês de que o poder cria novas formas de desejo para melhor controlá-las a partir de tecnologias de poder específicas para o caso da masturbação. Laqueur não nega a ideia de que verdades sobre o corpo foram inventadas, de que novas formas discursivas criaram tipos de perversão, como o masturbador. Todavia, a problemática da masturbação teria um caminho diferente dos outros paradigmas de disciplinarização do corpo sexual elencados por Foucault. A ansiedade em torno da masturbação seria mais recuada, quase um século mais antiga do que a data em que Foucault delimita como a aquela que assistiu ao surgimento dessas novas tecnologias biopolíticas, dessas tecnologias voltadas para uma gestão calculada da vida dos indivíduos e das populações. O problema da masturbação antecederia a criação da noção de “sexualidade” (2004, p. 274-275).

Laqueur propõe que essa problemática teria vindo à tona em consonância com o declínio do absolutismo, com a emergência de uma esfera privada secular e com o fim das barreiras que condenavam o luxo, por muito tempo entendido como sinal de abandono da natureza e de corrupção moral. A modernidade e a sexualidade seguiriam um caminho comum. Nesse projeto, o

autogoverno moral seria uma pedra angular para a autogovernança em geral (IDEM, p. 273–274). A ansiedade em torno do sexo solitário, termo que ele emprega ao longo de toda a sua obra, gravitava em volta de alguns tópicos específicos: a imaginação, a privacidade, a solidão, o excesso e vício. Ora, a história do sexo solitário seria então a história de como esses elementos interagem, em diferentes etapas, no desenvolvimento de uma ética sexual individual, secular e civil. A masturbação aparece como um problema específico justamente num momento em que a imaginação, a solidão e o excesso tornaram-se particularmente importantes e preocupantes. O problema político da masturbação, nas palavras de Laqueur, consistiria no fato de que o sexo solitário era considerado como uma forma errônea do exercício do individualismo moderno e da divisão entre as esferas pública e privada. Essa prática levaria ao paroxismo, numa espécie de paródia negativa ou de duplo negativo, todos os elementos valorizados no autogoverno ou na vida na sociedade moderna: imaginação, desejo, privacidade. O seu duplo: imaginação desenfreada, desejo sem satisfação na realidade, privacidade transformada em segredo e em vida antissocial. Não era simplesmente seu aspecto não-reprodutivo o problema, mas justamente a falta de conexão com desejos e estímulos reais. Era um luxo sem compensação social real, basicamente um falso prazer (IBIDEM, p. 278–280). Somente a morte pararia os efeitos desse vício insaciável e cabiam doses enormes de medo e culpa para dissuadir seus praticantes (IBIDEM, p. 277–280, 291).

Qualquer que seja a opinião de Laqueur para as origens da problemática da masturbação, como um tema de fundo ético, é inegável que os discursos normativos, os saberes gestados em torno da prática, tomavam-na como algo a incidir diretamente sobre os corpos dos indivíduos e, em última instância, sobre a gestão desses corpos como um bem com implicações sociais. Biopolítica, em resumo. Mesmo no Brasil esse temor de decadência física e mental pela prática onanística foi intimamente interpretado como um perigo para as potencialidades latentes do corpo juvenil, colocado em posição de incapacidade de contribuir para o todo social quando preso aos prazeres masturbatórios (VARGAS, 2021, p. 422–423).

Quanto a esses efeitos fisiológicos da masturbação, Foucault nota que os discursos médicos vão enxergar na prática uma espécie de somatização, causa de todas as doenças possíveis, acumulação de todos os sintomas, os quais o masturbador carregaria, de forma visível ou latente, nesse corpo afetado pelo vício (2010, p. 206–209). Já Laqueur afirma que as patologias do sexo solitário seriam uma

decorrência do problema ético primordial – o corpo sofreria quando o social viola a ordem natural (2004, p. 40) e não tanto por desperdício espermático, como pregam certas interpretações (CORBIN, 2006, p. 453–454). Seria, na verdade, pela exaustão das fibras e nervos do cérebro, perigosamente excitados por um desejo insaciável; por um objeto artificial, não natural; por sobrecarregar a faculdade da mente nesses produtos da imaginação, ausente de qualquer utilidade social e sem a reposição dos fluidos que ocorreria na relação sexual com um parceiro real (LAQUEUR, 2004, p. 209–210, 220–221).

Deste modo, contra o receio sempre presente de propagação do vício, seguia-se uma vigilância que queria-se permanente ou, ao menos, presente tanto quanto possível dos pais da família, sempre secundados por um saber médico externo, dado tratar-se de problema patológico: constituição de uma família medicalizada. É o que narra Foucault (2010, p. 217–218). E esse saber médico, baluarte da campanha antimasturbatória, tomará como um dos focos de preocupação justamente os colégios, como aqueles frequentados por Nava, campos propícios de difusão do mal (CONCEIÇÃO, 2015, p. 116–117). A maneira usual de prevenir-se o vício, ou seja, evitar a tentação, seria inútil por tratar-se de uma prática que tinha sua origem quase que inteiramente dentro da pessoa. A própria estrutura dessa prática – seu potencial ilimitado, sua extensão desconhecida, seu sigilo – demandaria, para Laqueur, níveis crescentes de censura, por ser tão insidiosa, tão encoberta, de origem tão oculta (LAQUEUR, 2004, p. 52–53, 56).

Voltando para nossos textos, a dinâmica dos espaços era pensada para facilitar o olhar inquisidor dos inspetores ou dos professores, tanto no Anglo-Mineiro, quanto no Pedro II, espécies de substitutos dos pais nesse quesito. Do colégio belo-horizontino, Nava recorda-se que as “portas completas” tinham sido substituídas por outras de mola (BC, p. 162–163), o que significava, em termos práticos, maior velocidade para abrir-se o dormitório dos internos e devassar-se sua intimidade. Nos dormitórios do Pedro II essa vigilância era ainda mais intensa, também voltada para evitar qualquer ato suspeito dos garotos entre si: os inspetores, na hora de dormir dos alunos, “recolheram-se a um compartimento de paredes incompletas de madeira, trancaram sua porta e abriram a janelinha que lhes servia para fiscalizar nosso sono, nossa vigília, nosso ir e vir aos almudes.” (IDEM, p. 360). Os próprios banheiros eram pensados para facilitar os flagrantes de masturbação. De acordo com Nava, o “vergonhoso flagrante” só era possível nas privadas, “cujas portas eram dotadas de uma espécie de escotilha que permitia aos inspetores darem uma olhadela nos que se espremiavam e ver se era só isto”, sendo

que havia indícios característicos nos gestos e comportamentos dos alunos que levantavam suspeitas por parte dos inspetores (IBIDEM, p. 414-415). Citando *O Ateneu*, pode-se ver que o medo do flagrante causava um estado de ansiedade contínuo: “[...] as obscenas leituras, e o alvoroço do receio perpétuo, adubo cáustico de prazer mau [...]” (OA, p. 61).

Apesar disso, seria possível perceber, pelos efeitos na carne, aqueles que praticavam-na: o Floriano desconfiava “quando havia esquecimentos inexplicáveis, lapsos inconcebíveis – olhava o réu com piedade, desprezo e nojo. Chamava-o perto da mesa. Abria clinicamente sua pálpebra e verificava. Lá estava a prova na conjuntiva esbranquiçada” (BC, p. 416). Essa apreensão tinha seus motivos: além da vergonha de ver-se pego na intimidade, de ser obrigado a ouvir as reprimendas públicas e vexatórias de professores, como do Jones ou do Floriano de Brito, o aluno poderia sofrer ainda dos castigos que correspondiam ao ato. No sistema do Pedro II, “crime” só existia quando se era apanhado (IDEM, p. 414). E na classificação desses crimes, só para citarmos os de fundo sexual, a masturbação nem era dos mais graves. Posse de “livrinhos de safadeza” e “flagrante de masturbação” estavam no “primeiro grau”, punidos com “as privações de recreio pequeno, grande, de vários recreios, meia privação de saída ou inteira, de um ou dois domingos”. De teor mais sério eram as que envolviam a suspeita de relações homossexuais entre os alunos: “palpação, bolina, beijo furtado e exibicionismo”, “tudo punido com um chorrilho de privações de saída, com as suspensões de três, oito, quinze dias (três suspensões num ano significava expulsão!)”; num último nível, “o flagrante de pecado nefando. Pena: da suspensão de quinze dias à expulsão lavrada pelo Diretor e referendada pela Congregação” (IBIDEM, p. 410-411).

Acontece que os alunos, por mais que sofressem uma vigilância que visava, em última análise, impossibilitar um estado de solidão completo, propício para o ato, ou impedir sua reincidência, pouca trela davam aos apelos e castigos, rejeitando mesmo, em muitos aspectos, esse discurso que ligava uma patologia a toda a masturbação. Como vimos, era com risinhos que os alunos maiores do Anglo-Mineiro e os colegas de Nava respondiam às reprimendas do Cuthbert e do Floriano. Quando Jones percebeu que seus pupilos eram “dirty masturbators”, impactou-os muito mais o fato de saberem-se descobertos do que das consequências fisiológicas que daí adviriam. Estavam, na verdade, numa “mútua compreensão”, numa “íntima ectasia” (IDEM, p. 232).

Mesmo que a sanha disciplinar, o apelo à vergonha e aos perigos da doença não tivessem tanto efeito em incutir uma rejeição à

prática da masturbação por parte dos alunos, o memorialista conta que certos efeitos fisiológicos eram conhecidos dos adolescentes, atribuídos não a totalidade dos masturbadores, mas àqueles que cometiam excessos: “Nós também tínhamos a ideia de conhecer os que abusavam pelas suas caras amarelas, orelhas transparentes, langor e bistré do olhar. Diziam que tirava a memória. Muito” (IBIDEM, p. 406). Um colega de Nava garantia não gostar de entregar-se ao “esse negócio de bronha não, porque puxava muito pelos peitos” (IBIDEM, p. 407). Estes que praticavam em excesso tinham, inclusive, uma designação certa: “praça no *corpo de bombeiros*. Era o nome dado, no colégio, à corporação dos ostensivos, aos adolescentes evanescentes – de quem se dizia viverem de mangueira na mão”. Mas nem por isso diminuía. Afinal “realmente, a coisa lavrava com verdadeiro furor” (IBIDEM, p. 406). Foi só em meados do século XX, com o desenvolvimento da medicina e o aparecimento da Psicanálise, que essa concepção patológica da masturbação declinou, a ponto de Nava poder falar dela, por exemplo, como “gratificação sexual fisiológica e normal”, embora certos ecos dos tempos de seu enquadramento negativo, como a culpa e a vergonha, permaneçam de algum modo ligados à prática (LAQUEUR, 2004, p. 70, 80–81).

A vivência sexual e os significados da masturbação no cotidiano do adolescente Pedro Nava e de seus colegas

O que levava esses adolescentes a voltarem-se para a masturbação, aparentemente com tanto furor? Ao menos no Pedro II, para horror de médicos e pedagogos, “como para o fumo, sabia-se amplamente que a bronha lavrava no colégio com furores de febre amarela” (BC, p. 414). Em primeiro lugar, diria que pela busca da satisfação sexual, evidentemente, tão presente nessa idade. Nava vai mais longe e traz à tona raízes mais profundas dessa constância do tema sexual no cotidiano de instituições como o colégio carioca, “onde a preocupação com a obscenidade, a pornografia e o sexo – ocupavam muito mais os alunos que as doze matérias dos exames finais. E nem podia ser de outro modo, dado a relevância psicológica da chamada indecência” (IDEM, p. 402). Toda conversa – futebol, guerra –, invariavelmente, passava pelo assunto, discutido em toda sua plenitude, em ponto mais afastado: “rente à jaqueira só pornografia, sacanagem, conversa de safadeza” (IBIDEM, p. 377). Para o memorialista, “a inflação de pornografia dos colégios como o Pedro II do meu tempo”, na qual a masturbação era uma de suas manifestações, deitaria raízes em questões psicológicas, sociais e culturais próprias do universo dos adolescentes daquela época. Radicar-se-ia numa espécie de

“compensação” contra as restrições do meio familiar, do “adulto-rei”. Assim os meninos da mesma idade imergiam no “proibido”, como forma de vingança ou descontentamento. Haveria aí uma utilidade compensatória na obscenidade e na masturbação, tão mais necessárias nesse quadro de constante repressão dos apetites sexuais e da espontaneidade juvenil em nome de um projeto disciplinar de contenção dos gestos, emoções, impulsos e desejos tendo em vista a necessidade de criação de um adulto que se queria ordeiro e disciplinado – normatizado. “Dizer e repetir obscenidades é descarga catártica, uma compensação. A inscrição bandalha, a anedota porca que nos deleitava nas longas horas de recreio, as leituras eróticas – tudo isto era válvula utilíssima a descomprimir nossa idade perigosa de sua agressividade” (BC, p. 402-403).

Mas para além dessas questões, talvez não explícitas para os adolescentes dos tempos da passagem de Pedro Nava no Anglo-Mineiro e no Pedro II, a masturbação assumia outros significados para esses jovens, tomando conotações diversas na pluralidade de ocasiões em que era praticada. Pode-se falar, por exemplo, de uma compensação para a ausência de uma figura feminina no cotidiano do Internato, impossibilitando a vazão do desejo por mulher de muitos deles. Por exemplo, Nava supõe que a enfermeira do Anglo-Mineiro, “aquela Eva em idade canônica, mulher única, no deserto do colégio interno” tão sem atrativos à primeira vista, seria motivo de paixão dos mais velhos e “talvez! a causa da frequência com que se periciavam certos rastros de lesma nas privadas dos maiores” (IBIDEM, p. 167). Essa falta de vivência sexual supria-se, além do uso da fantasia, da imaginação, pelo consumo de todo tipo de material pornográfico, sem contar as conversas de cunho obsceno com as quais o adolescente construía seu repertório teórico sexual.

A masturbação servia para aplacar o tédio e a solidão do internato, particularmente nos finais de semana para aqueles que fossem punidos com a privação de saída. O tédio seria um dos castigos consequentes dessa primeira grande penalidade que era a retenção do aluno nos finais de semana na instituição. Todo o sistema de punições visava maximizar o sofrimento do interno penalizado, ora obrigando-o a dispensar longo tempo sentado em uma sala sem poder mesmo ler ou estudar, ora privando-o até de seu direito ao banho diário (IBIDEM, p. 421). As “leituras clandestinas” de obras vetadas, de detetivescas aos faroestes, passando pelos “livrinhos de putaria e romances de safadeza assinados *Rabelais, Malthus, Musset, Alfredo Gallis* – que levavam os leitores a paroxismos periódicos que urgiam como dor de barriga”, servia,

pois, como forma de “engambelar o tempo”⁴. Do que resultavam saídas constantes dos alunos para aliviar-se no banheiro (IBIDEM, p. 422). “Nos dias de privação de saída era um deus-nos-acuda” (IBIDEM, p. 407).

Por ser também um ataque a esse sistema de punições que privilegiava o caráter aviltante da obrigação ao tédio, a masturbação também poderia significar um dentre os muitos investimentos contradisciplinares utilizados pelos alunos, que, no campo sexual, iam desde os desenhos de teor erótico, as palavras e gestos obscenos, reforçando mais uma vez a premência de uma verdadeira cultura pornográfica contestatória à disciplina escolar entre os alunos da instituição, alguns dos quais entregando-se ao ato em plena aula (CF, p. 41). Paradigmático é um colega de Afonso Arinos referido por Nava cujo maior prazer era masturbar-se na sala de visitas de casa, sozinho, com dois charutos do pai na boca. “Afronta ao pai, achincalhe de toda a família, triplificação do prazer (2 charutos + 1 pênis = 3), conspurcação da peça mais nobre do lar – imaginem! os domínios da mãe, da rainha da casa”. Nava pensava o ato desse garoto como um grau sofisticado e simbólico de recusa aos papéis e proscricções esperadas da criança e do adolescente, “Tomada-invasão de tudo que lhe era interdito, inclusive o sexo” (BC, p. 402-403).

Adquirir e fazer circular os livrinhos pornográficos, “os livrinhos de sacanagem ou livrinhos de putaria, como eram referidos no Pedro II” (IDEM, p. 395) era passível de punição, como vimos. Precisava-se de todo um cuidado nas formas de portá-los e de lê-los, indicações que podem contribuir sobremaneira para as discussões sobre a circulação e recepção de literatura popular e pornográfica no Brasil⁵. Nava recorda-se que “essa literatura era devorada no colégio. Entrava de contrabando, como os cigarros” (IBIDEM, p. 399). Outras vezes, ele mesmo adquiria os títulos nas suas andanças pela cidade, “comprados livremente nas bancas de jornais e nos engraxates de pé de escada em toda a cidade, principalmente no trecho de Primeiro de Março, lado par, entre Ouvidor e Praça Quinze”, escondidos ou pendurados em barbantes, à maneira do cordel. Foi numa dessas, com um engraxate, que o narrador travou seu primeiro contato com esse tipo de publicação, marcando-o profundamente, tão irresistível era a novidade: “Peguei o vício de ir dar lustro aos borzeguins sempre que podia” (IBIDEM, p. 395-397). Já dentro do colégio, esses impressos “circulavam dobrados em dois,

⁴Nava distingue os “livrinhos” em três grupos: “Primeiro, os só de fotografia com legenda ou quadrinha embaixo. Segundo, os narrativos. Terceiro, pequenas reportagens tendo como ponto de partida um dos fatos divers contra os costumes noticiados na imprensa e que era glosado com fotografias, desenhos explicativos e versalhada indecente” (BC, p. 397).

⁵Refiro-me especialmente ao importante trabalho de Alessandra El Far (2007).

em quatro, de mão em mão, de bolso em bolso, de atlas em atlas” (IBIDEM, p. 397). Havia uma maneira especial de lê-los durante as privações de saída, de modo a burlar a vigilância dos inspetores: despedaçados, no colo, e de cabeça baixa, fingindo doença (IBIDEM, p. 423). Além dos livrinhos, havia outros tipos de suportes pornográficos à disposição, como espécies de cabines movidas à manivela, nas quais uma fita rodava após a colocação de uma moeda, com “filas de estudantes, vagabundos, homens graves, funcionários, meninos e velhotes” (IBIDEM, p. 395–396) e cinemas, como o Alegre, onde um grupo de colegas teve a sorte de encontrar um professor na mesma sessão (IBIDEM, p. 394).

A posse desse material pornográfico, o uso de uma linguagem obscena no cotidiano do colégio parecem indicar duas coisas: primeiro, era um sinal de superioridade hierárquica entre os alunos, pelo conhecimento dos segredos da atividade sexual, até então vetada aos mais jovens, que seriam neles introduzidos pela própria convivência no colégio. Caso, por exemplo, do *Papai Basílio*, veterano de Nava e que a todo momento procurava mostrar, inclusive sexualmente, sua superioridade: “sério como um ministro”, deixava “ver aos vizinhos, dentro de um atlas, fotografias dum livrinho de putaria. As posições todas” (IBIDEM, p. 358). Em segundo lugar, significava a demarcação de uma espécie de virilidade. A conversa obscena, pelo tema e pela escolha dos termos empregados, realçando essa fala já marcada pelo pornográfico e por sua capacidade de excitação, tinha como efeito lógico voltar-se sempre ao sexo; e aludindo-o sempre, possibilitava a esses jovens, por façanhas, anedotas e histórias que, muitas vezes, não eram suas, manterem-se ligados a essa concepção de virilidade que traduzia-se, em parte, no desempenho sexual. De acordo com Arnauld Baubérot, a existência do sujeito viril processa-se por meio de uma construção, uma maturação do menino ao homem, lenta e contínua, um “profundo trabalho de inoculação pelo qual a sociedade o conduz a se conformar às características físicas e morais específicas do estado viril”. O “jovem macho” só é considerado viril quando introduzido na “comunidade de homens adultos”, após uma preparação perpassada por diversas etapas e ritos. A sua socialização encarrega-se de transmitir-lhe o “hábito viril, isto é, o conjunto de disposições físicas e psíquicas que lhe permitirão desempenhar seu papel de homem uma vez chegada a maturidade”, concomitantemente ao seu desenvolvimento biológico (2012, p. 189–191). Fora da família, a construção do sujeito viril dentro do desenvolvimento do menino dá-se pelo contato com seus pares, com grupos que participam ativamente daquilo que o autor chama de sua “iniciação viril”, em que há uma antítese do lar e do universo feminino por ele representado. Atribuindo-se

“atitudes que marcam simbolicamente a masculinidade adulta, aqueles que ainda são crianças diante do olhar dos adultos procuram afirmar sua virilidade ante seus semelhantes” (IDEM, p. 195–196).

Já a linguagem obscena “relaciona-se, mais diretamente que a linguagem usual, ao corpo e suas pulsões, e evoca representações corporais, dotando-as de qualidade alucinatória”. Além disso, segundo Lucien Frappier-Mazur, “a palavra obscena possui o controle mais direto sobre o corpo e exhibe mais vigorosamente a relação entre desejo e a linguagem” (1999, p. 230, 234). Assim, dada a falta de uma vivência heterossexual efetiva, que processar-se-ia na fase adulta, esses jovens tomavam para si aquilo que entediavam por desempenho sexual viril; traduziam-no baseados em suas leituras marcadas pelos elementos intermediários das falas de terceiros e do discurso pornográfico. Nem todos prezavam por esse tipo de assunto. Afonso Arinos sentia-se bastante constrangido com as “conversas obscenas”, de valentias e de mulher de um professor seu com os alunos mais velhos de certa escola pela qual passou (AT, p. 51–52), de qualquer modo parte integrante da sociabilidade escolar.

Outro ponto que pode-se levantar, já notado por exemplo, por Carneiro, é o caráter algo iniciático e teórico da leitura pornográfica (2004, p. 362). Para Nava, “além do de válvula, a pornografia colegial assumia aspectos fabulares, apologias, educativos. Educativos, sim! A ameaça da perda da *via-láctea* não era uma advertência? ”, dando aí o exemplo do custo social que uma transgressão normativa, como uma relação homossexual poderia ter para o aluno (BC, p. 404). A leitura pornográfica criava uma série de expectativas nos adolescentes sobre tudo o que envolvia o ato sexual, servindo de base para suas primeiras experiências. Pedro Nava, para falar de sua primeira vez com uma mulher, utiliza-se de um alter ego, José Egon Barros da Cunha, o Zegão. Zegão/Nava apoiou-se no repertório aprendido nas leituras para melhorar seu próprio desempenho: “Ele conhecia bem os livrinhos de sacanagem do colégio e trouxera o das posições, *A Família Beltrão*, outros, para mostrar à mulatinha. [...]” (CF, p. 222).

Vemos que o consumo de pornografia tinha um caráter algo gregário, espécie de solidariedade na consumação do desejo. Era um investimento que demandava um trabalho coletivo para que tivesse sucesso e seus resultados, ou seja, a possibilidade de leitura, era tanto solitária, quanto coletiva, mas sempre marcada por esse esforço compartilhado. A brochura pornográfica “era lida em conjunto, nos fundos do recreio; atrás da garagem do Araújo Lima [o diretor]; à sombra da divina jaqueira; no estudo da noite, dentro do

Crosselin-Delamarche ou do atochado Veiga Cabral” (IBIDEM, p. 399). Mas nem só a leitura era gregária, o próprio ato da masturbação também, por vezes, fazia-se em conjunto, como recorda Nava: “A consciência de nossa capacidade relacional e genital nos enchia de uma alegria de viver tão exuberante que aquilo derivava em gabolices ou transbordava em apostas. Vamos ver de quantas você é capaz... Fiscalizava-se o executante à vista. Uma. Duas” (CF, p. 229). Aqui a masturbação parece guardar outro significado, o de expressão de uma virilidade que não poderia ser manifestada (ao menos não por todos) pelo desempenho sexual com uma parceira. Dito de outro modo, a masturbação era um exercício de virilidade, parte da construção de uma identidade masculina no período da adolescência. “Assim como se contam proezas de cama, havia os que se gabavam de façanhas manuais” (BC, p. 406). Como não havia a figura feminina que servisse de troféu viril, valorizavam-se outros atributos, físicos e fisiológicos, principalmente a quantidade de ejaculações num único dia:

Hoje soquei três. Eu, quatro. A admiração de todos ia para um nortista apelidado o *Gorilão*, que tinha dias de sete, oito, lupercais de nove, bacanais de dez, de dúzia. Havia campeonatos. Um jactava-se da própria virtuosidade, das múltiplas maneiras como se executava. Sempre em número par porque, no caso, a mão esquerda sabia o que a direita fazia. Era uma duplicação. Usando sabão, quadruplicava [...] (IDEM, p. 406-407).

No entanto, a masturbação não era a única forma de atividade sexual vivenciada pelos alunos do Pedro II. Recordando tema similar n' *O Ateneu*, Nava afirmava que, entre os maiores, havia alguns que mantinham relações sexuais com as empregadas da casa onde morava o Quintino, Chefe da Disciplina: “Sabia-se que havia encontros noturnos nas moitas do morro do Barro Vermelho” (IDEM, p. 367). Já mais velho, com a liberdade conferida aos bacharelados (aqueles alunos que estavam perto de completar o curso), Nava e seus colegas, sempre em grupo, frequentaram espaços de meretrício, como o “Café Cu da Mãe” e outros menos discretos, como a casa no Beco da Carmelitas, onde eles escolhiam uma francesa para a noite, até que todos tivessem consumado o ato: “Era preciso dar tempo ao tempo e pelas doze e meia, uma hora, nossa dúzia estava completa no Lamas” (CF, p. 269-270). Esse tipo de relação era tolerada até pelo próprio Quintino, que relaxava a disciplina para um colega de Nava, “amigado com uma senhora” que saía religiosamente nas noites de quarta para encontrar a mulher (BC, p. 407).

O mesmo grau de condescendência não tinham as relações homossexuais. Como vimos, eram considerados delitos bem mais graves no Pedro II. Diferentemente do que considera Rui Carneiro, não penso tratar-se apenas de relações de caráter um tanto mais dúbio, imediatamente reprimidas pela ação de estudantes e adultos (2004, p. 364). Temia-se sobremaneira a perda da “via-láctea”, que, para os alunos, tratava-se de “mola delicadíssima, feito as de relógio pateque, que todos tinham no intestino reto”. Frágil, seu rompimento resultaria em “incontinência de fezes denunciadora, ignomínia, expulsão a toque de caixa!” (BC, p. 367). Comentava-se quem afinal teria perdido a sua no “escuro da gruta-túnel que separava os dois lagos” (IDEM, p. 377). Ademais, além dos professores e funcionários, os próprios alunos a todo momento buscavam livrar-se de qualquer situação que sugerisse um perigo de supressão da “via-láctea”: “milhares de olhos de Argus mantendo uma linha certa de conduta”; eles “apupavam e berravam. Solta! Larga o osso! Deixa o *rosquinha!*” (IBIDEM, p. 406).

Apesar de Nava sugerir investidas sexuais entre colegas das mesmas turmas, nos dormitórios “onde dormíamos e líamos e começávamos as primeiras cismas, as primeiras negativas. Não, não e não!” (CF, p. 56), o temor da perda da “via-láctea” quase sempre ligava-se às provocações dos mais velhos da Segunda e da Primeira Divisão, devendo os colegas mais jovens redobrar os cuidados e não dar trela aos chamados: “Poucos davam ouvidos àqueles apelos porque era arqui-sabido que tais conciliábulos só podiam terminar em desmoralização e perda da *via-láctea*” (BC, p. 367). Essas investidas dos veteranos parecem não guardar apenas um interesse sexual; tratava-se, mais do que isso, de expressão, nesse campo, de outras hierarquias que separavam os alunos mais velhos e mais novos⁶. Esse aspecto fora destacado por Raul Pompeia, quando um colega de Sérgio explica-lhe a dinâmica dos discentes do Ateneu, afirmando que o colégio mais pareceria uma “escola mista”, porque haveria aí um “sexo da fraqueza”, composto pelos “rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue”, que seriam “dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo”. Recomendava sobremaneira evitar a presença de “protetores” (OA, p. 35). Esse sistema de “proteção” de um bicho por um veterano era compartilhado pelo *Papai Basílio*, que tinha preferência pelos que julgava mais atraentes: “se for bonitinho tem minha proteção, se não for, já sabe, *suplício chinês!*”. Acompanhando Papai Basílio nessa cena, temos “seus libertos e seus efebos” (BC, p. 353). O uso dessa última expressão, “efebo”,

⁶Por falta de espaço e por fugir um pouco do tema, não tratarei em específico do sistema de hierarquias do Pedro II nas Memórias de Nava, mas deixo indicados trabalhos que versam sobre o tema. Cf. CARNEIRO, 2004; SILVA; MARCHI, 2011.

retomando a relação entre adultos e jovens da Antiguidade Grega, é maliciosamente usado por Nava para dar um caráter dúbio aos protegidos do *Papai Basílio*: poderiam tanto ser seus parceiros sexuais, quanto seus iniciados e favorecidos na vida do colégio.

Desse modo, possuir sexualmente um colega mais jovem era forma de manter, também pelo lado sexual, essas mesmas clivagens internas. Isso é particularmente visível no relato de uma prática iniciática protagonizada pelo *Papai Basílio* e por um aluno recém-ingresso, que deixa implícito ser uma espécie de indicação de virilidade do vencedor, tanto pelos atributos físicos, quanto pelo papel de Sujeito ativo na relação que iria estabelecer-se. Virilidade que projetava-se exclusiva dos alunos mais velhos. Entres as “praxes” do Pedro II que deveriam ser seguidas à risca, estava uma “certa tomada de medidas, feita ao acordo de duas partes ajustadas, para a menos bem dotada submeter-se completamente ao arbítrio do favorecido pelas proporções”. Esperando “vitória fácil”, o veterano não cuidou bem de dotar seu instrumento de um tamanho que lhe fosse tão favorável, sendo surpreendido, na vez do bicho, por uma “desconformidade só comparável àqueles enrolados de presunto e toucinho de fumeiro que os italianos chamam capiola”. O resultado esperado por *Papai Basílio* era o pagamento de favores sexuais pelo perdedor que, no caso, fora ele próprio. O trecho parece indicar também que colocar-se em posição de passividade sexual, o objeto do desejo do Outro, era desonroso e humilhante, coisa que não ocorreria ao ser o Sujeito o ativo da relação, aquele que possui o Outro, porque o *Papai Basílio* ficara “atônito, fracassado, desbaratado, rabo entre as pernas, corrido” (IDEM, p. 22-23). Por significar a subjugação e o que considerava-se uma espécie passividade sexual, seria incompatível com um ideal de virilidade. Além disso, por ser procedimento que desonraria o praticante no conceito dos colegas, interessados em manter a “via-láctea” e um certo padrão normativo de conduta sexual, as relações homossexuais eram duplamente proscritas. Isso sem contar a própria perseguição encetada pelos adultos do colégio.

Assim, as manifestações sexuais no Pedro II possuíam um caráter ora vertical, expressão de hierarquia e poder dos mais velhos, ora horizontal, gregário, união de iguais na busca do prazer físico, no compartilhamento dos veículos de excitação, como os livrinhos de sacanagem; uns e outros permeados por um ideal de virilidade que deveria expressar-se em atributos físicos, fisiológicos, de saber dos mistérios da sexualidade e de poder nas relações entre os alunos da instituição. As relações homossexuais faziam parte do quadro de demarcação de hierarquias entre veteranos e bichos, entre os mais

velhos e os recém-ingressos. Se colocar-se na categoria de protegido consistia em procedimento desonroso e desabonador de virilidade sexual, porque punha o jovem numa posição passiva, com a perda da "via-láctea", o mesmo não parecia ocorrer com aqueles que tentavam os menores pelo outro lado da grade do vasto pátio, porque, de certo modo, conservavam esse papel ativo na relação sexual, sem comprometerem-se como machos. Mas aos olhos da instituição, não havia diferença alguma, com a punição recaindo para ambos, caso descobertos. Satisfazer-se sexualmente com um parceiro mais jovem era, no fim das contas, um dos atributos implícitos dos veteranos, legitimados por sua posição na hierarquia dos discentes, embora não fosse prática de todos eles. Havia quem tivesse relações com as empregadas da casa do diretor ou com prostitutas na cidade. Portanto, havia uma espécie de hierarquia nas formas de expressão da sexualidade do colégio que ia do mais ao menos tolerado – relações com mulheres numa ponta e relações homossexuais na outra; a masturbação estava no meio das duas.

Conclusão

Posso me encaminhar para uma definição mais global sobre os significados que a masturbação assumia na vida dos jovens da época de formação de Pedro Nava e isso a partir das próprias reflexões do memorialista, já em sua maturidade. De modo geral, Nava parece crer que a prática, com seu correlato na pornografia sobre todas as formas, possuía um caráter importantíssimo no desenvolvimento do indivíduo enquanto Sujeito de Prazer sob três formas: contenção dos impulsos agressivos próprios da idade, exacerbados pelas repressões vivenciadas, pelas condições sociais e culturais daquele tempo; alívio para um desejo sexual reprimido e sem possibilidades de outra expressão; instrução para formas de atividade sexuais mais normativas num momento posterior da trajetória de vida do sujeito. Este último ponto é particularmente interessante. A masturbação e todos os suportes voltados para a excitação sexual – livros, imagens, vozes, fantasias – possibilitavam a formação de expectativas quanto ao ato sexual, ao corpo feminino e masculino e às formas de obtenção de prazer que influenciaram, de um modo ou de outro, na maneira como esses rapazes lidariam com um Outro – um Outro que esperava-se mulher. Assim, a masturbação seria como que uma etapa intermediária da trajetória sexual do ser humano, criando repertórios e conhecimentos que seriam-lhe úteis quando, afinal, estivesse em contato com uma parceira.

Embora consciente da carga negativa que a masturbação tinha nos seus tempos de infância e adolescência, Nava, a partir de sua trajetória como homem e como médico, tinha noção suficiente para saber que os discursos sobre o tema evoluíram desde então – de tal forma que podia dar seu fino sorriso de ironia lembrando os despropósitos que propalavam-se sobre o ato e suas consequências. Porém, se por um lado é certo que a tome como coisa natural, por outro coloca-a dentro de uma concepção normativa de sexualidade, como se fosse atividade que, de certo modo, era própria a determinado tipo de pessoa, com uma faixa específica de idade e de estágio de seu desenvolvimento biológico. Dito de outra forma, Nava parece acreditar que, ao conhecer mulher, o indivíduo poderia dar finalmente livre vazão a sua sexualidade, não necessitando necessariamente dessa premência que a pornografia, o sexo e a masturbação teriam até a adolescência da pessoa. O que não quer dizer que as pessoas abandonassem esse prazer voyeurístico da pornografia e, conseqüentemente, a masturbação. É Nava que nos fala das filhas de velhos e meninos atrás das carroças, de mulheres casadas que liam livros de safadeza (CF, p. 264), das idas de seu professor e de seu amigo Rodrigo Melo Franco de Andrade a cinemas que passavam fitas pornográficas (BC, p. 253–254).

Em resumo, pensar na forma como sujeitos do passado lidavam com a masturbação é um caminho para compreender a maneira como eles estabeleceram uma relação com seu próprio corpo, com seus próprios desejos e fantasias, com sua própria sexualidade. Mais do que isso, com suas expectativas sobre o Outro, com o prazer do Outro; de modo que se possa, por esses trajetos periféricos, entender os diálogos e negociações que esses sujeitos tinham com discursos e práticas normativas, com os saberes e disciplinas vigentes, e com tudo aquilo que, de algum modo, fugia dessa mesma norma do período.

Referências

- AGUIAR, Joaquim Alves de. **Espaços da Memória**: Um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: Edusp; Fapesp, 1998.
- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: **História da Virilidade 3**: a virilidade em crise? (séculos XX e XXI). Petrópolis: Vozes, 2013, p. 189–220.
- BORGES, Vavy Pacheco. **Grandezas e misérias da biografia**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2008, p. 203–233.
- CARNEIRO, Ruy. Adolescer agrilhado?: visões do internato n' *O Ateneu* de Raul Pompéia e nas *Memórias* de Pedro Nava. **Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas**, Porto, II Série, v. XXI, 2004, p. 351–370. Disponível em: </https://ojs.letras.up.pt/index.php/rll/article/view/8034>.

Os praças do corpo de bombeiros

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CORBAIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 419-499.

_____.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. Prefácio à *História do Corpo*. In: VIGARELLO, Georges (org.). **História do Corpo 1: Da Renascença às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 7-13.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. "Vícios execráveis": campanha médica de combate à masturbação e à homossexualidade entre os pensionistas de colégios-internatos (1845-1927). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 15, n. 2., mai./ago. 2015, p. 111-132.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: Curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010 [2018].

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2019.

_____. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2020.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2020.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **A Alma do Tempo – memórias (formação e mocidade)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1961.

FRAPPIER-MAZUR, Lucienne. Verdade e Palavra Obscena na Pornografia Francesa do Século XVIII. In: Hunt, Lynn. **A Invenção da Pornografia: Obscenidade e as Origens da Modernidade, 1500-1800**. São Paulo: Hedra, 1999, 217-238.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Solitary Sex: A Cultural History of Masturbation**. Nova York: Zone Books, 2004.

MUCHEMBLED, Robert. **O Orgasmo e o Ocidente: Uma história do prazer do século XVI a nossos dias**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

NAVA, Pedro. **Balão Cativo: Memórias 2**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Chão de Ferro: Memórias 3**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

SILVA, Cleusa Aparecida Fogaça; MARCHI, Rita de Cassia. A dinâmica interna de um colégio brasileiro de elite, a partir das Memórias de Pedro Nava. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 130-156. Disponível em: </https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2240>.

SILVA, Sheila dos Santos. Memorialismo: Ficção, história, literatura – revisão teórico-crítica. **Revista (Entre Parênteses)**, Alfenas, v. 2, n. 5, 2016, p. 1-20. Disponível em: </https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/553>.

Os praças do corpo de bombeiros

VARGAS, Arthur M. S.. Os livros do Xanxas: imprensa, política e circulação de literatura pornográfica em São João del-Rei (1889-1901). **Aedos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, 2021, p. 395-438. Disponível em: </https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/112996>.